

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

APRESENTAÇÃO.

FERREIRA, Agostinho

Ano: 2005-2006 | Número: 115-116

Como citar este documento:

FERREIRA, Agostinho, Apresentação. *Revista de Guimarães*, 115-116 Jan.-Dez. 2005-2006, p. 9-10.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Apresentação

Os números da Revista de Guimarães, agora apresentados, (115/116), correspondentes aos anos 2005 e 2006, mostram uma preocupação por um regresso àquilo que foram os objectivos essenciais da sua fundação: dar a conhecer a investigação arqueológica, contribuir para a preservação do património e interagir com a educação e o ensino. Foram estas as linhas norteadoras da sua estruturação.

Estamos perante uma viagem no tempo da história, que se vai revelando em novas descobertas e de que as escavações que se têm vindo a efectuar são testemunho, e uma viagem no espaço geográfico, sobretudo do norte de Portugal, em que mostramos o resultado de trabalhos arqueológicos de pesquisa em castros do Minho e Trás-os-Montes. Foi mesmo intenção dos actuais responsáveis por este projecto dar relevo aos trabalhos de arqueologia. A Citânia de Briteiros, que, ao contrário do que muitos têm dito, continua a ser uma fonte inesgotável de informação, serviu de palco a um trabalho de investigação com inegáveis resultados. Sobre as conclusões dos trabalhos efectuados, apresentamos um excelente texto, da autoria dos arqueólogos Sande Lemos e Gonçalo Sampaio, com o qual abrimos a revista. Outros trabalhos semelhantes foram realizados no Alto do Castelo (Salto, Montalegre), por outros dois especialistas da arqueologia, João Mário Martins da Fonte e Alfredo González-Ruibal, cujo trabalho, convenientemente documentado, aqui apresentamos. Ainda no âmbito da pesquisa arqueológica, figura um trabalho sobre “uma investigação no âmbito da disciplina de Seminário, subordinada ao tema da Arte Rupestre”. As autoras, Joana Valdez e Lucinia Oliveira, apresentam um trabalho “de prospecção no interior do recinto murado da Citânia de Briteiros, mas também nas vertentes do Monte de S. Romão, no qual se implanta”.

O património, aqui definido por Helena Pinto como “uma ruptura entre o passado e o presente, em que os objectos já não têm a função utilitária das coisas, mas finalidades diferentes, as de intermediários entre o passado e o futuro”, surge nestes números da revista desenvolvido num texto de teor essencialmente didáctico e reveste-se de especial interesse por ter como ponto de referência o centro histórico de Guimarães.

De teor histórico-didáctico, é também o texto da autoria de Ana Tereza Araújo, que faz uma análise da evolução do ensino em Guimarães e da influência recíproca entre desenvolvimento industrial e alfabetização. Não

se defende, como hoje é banal fazer-se, a ideia de que o ensino está na base de todo o desenvolvimento. E é pertinente a reflexão, pela actualidade do assunto. Embora se admita que o ensino acabou por impulsionar o progresso industrial, a verdade é que parece ter sido, em primeiro lugar, o progresso que promoveu o ensino. E, aliás, como em todo o país, a implementação do ensino foi um processo lento. Daí o papel de várias instituições e organizações que se fundaram em Guimarães, associadas à cultura e à indústria, de que foram exemplos a Sociedade Martins Sarmento e a Associação Comercial e Industrial de Guimarães. No dizer da autora: “de modo geral, o fomento à indústria e ao comércio ocorrido no concelho de Guimarães não dinamizou o desenvolvimento de uma rede escolar oficial, mas, de forma directa, implementou iniciativas privadas de cunho assistencial, cultural, instrucional e profissionalizante, o que ajudou a aplacar os altos índices de analfabetismo, principalmente entre a população citadina”.

O texto da autoria de Filipe Alves Moreira, em jeito de ensaio, traz mais uma vez à liça a questão da localização da batalha de S. Mamede. E visa, segundo o autor, “fornecer uma pequena contribuição para este problema, tornando público um apontamento inédito, depois de sucinto resumo sobre os textos conhecidos”.

Rui Leandro Maia, por sua vez, apresenta um estudo de âmbito sociológico sobre migrações, nupcialidade e transição da fecundidade, tendo como base a paróquia de Bonfim, da cidade do Porto, com dados referentes ao período entre 1940 e 1969. Segundo o autor, “o artigo analisa comportamentos referentes às idades médias, ao primeiro casamento de mulheres residentes” e “confronta-o com o impacto de uma idade média, ao primeiro casamento, superior para as mulheres migrantes em relação às mulheres naturais da cidade”.

Por último, António José de Oliveira procura “dar a conhecer, transcrevendo na íntegra, dois inventários dos bens móveis da Colegiada, que abarcam aproximadamente meio século desta instituição (1631-1680) tendo-se para o efeito compulsado um conjunto de documentação manuscrita, existente no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta”.

Agostinho Ferreira